

ASSUNTOS

COMUNICAÇÃO

MAOMÉ E O ISLAMISMO
(3ªPARTE)

03

SERVIÇO

SÉRIE ACONTECEU COM...
(2ªPARTE)

10

CIÊNCIA

POR QUE A DISCIPLINA DAS EMOÇÕES?

12

PANORAMA

DIVINDADE EMERGENTE

15

JUVENTUDE

CULTOS E ORAÇÕES

18

EDUCAÇÃO

ASSASSINATO INTRA-UTERINO

19

OUTROS...

- Conversa Breve
- Kardec Afirma
- A Vida Continua
- Chico e Emmanuel
- As Lições de Chico Xavier
- Mensagens

“INFORMAÇÃO”:

é registrada na D.C.D.P. Do D.P.F. sob n.1702 (Portaria 209/73) - publicada pelo Grupo Espírita “Casa do Caminho” -

Jornalista responsável:

Zancopé Simões (Reg. 10.162) -

Redação:

Rua Souza Caldas, 343 - Fone: (11) 6097-5700

Correspondência:

Cx Postal: 45.307 - Ag. VI. Mariana/São Paulo (SP),

“INFORMAÇÃO” não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos pelos seus entrevistados ou articulistas

Edição, Fotelito e Impressão:

VAN MOORSEL, ANDRADE & CIA. LTDA.

Em “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, Cap. XV, item 3

“Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, quer dizer, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, ele mostra essas virtudes como sendo o caminho da felicidade eterna. Bem-aventurados, disse ele, os pobres de espírito, quer dizer, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quereis que vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; fazei o bem sem ostentação; julgai a vós mesmos antes de julgar os outros. Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e ele mesmo dá o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não cessa de combater. Mas ele faz mais do que recomendar a caridade, coloca-a claramente, e em termos explícitos, como a condição absoluta da felicidade futura.”

Mensagem da capa

*“Humilde réstia de luz que acendemos
envolver-nos-á em seu clarão e a pequenina
semente de fraternidade que venhamos a
lançar no solo da vida abençoar-nos-á com
os seus frutos”*

Emmanuel

ABRIGO ÍNTIMO

Pedes abrigo no tumulto que habitualmente aparece diante das grandes renovações.

Entretanto, as possibilidades para o levantamento de semelhante refúgio estão em ti mesmo.

Rememora a proteção sob a qual vieste ao Plano Físico.

De nada dispunhas, além do amor com que te acolheram, no entanto, não te faltou apoio para o crescimento nem luz bastante para que se te clareassem os pensamentos.

Relaciona os empréstimos da vida com que ao mundo te vinculaste: oportunidades que te honraram; afetos que te surgiram; meios que obtiveste; lições que te enobreceram. Soma as bênçãos que te enriquecem e pensa na aplicação respectiva que se te pede para a elevação do futuro.

Constrói, por dentro do próprio Ser, o abrigo de entendimento que solicitas, no qual possas desfrutar segurança e irradiá-la de ti.

Agradece a tarefa que a vida te concedeu. Trabalha confiando no êxito do bem.

Usa os patrimônios da vida sem desperdiçá-los.

Não retenhas vantagens com evidente prejuízo dos outros. Se erraste, corrige-te sem precipitação em desespero.

Não admitas o fracasso por perda definitiva e sim por ensinamento necessário ao triunfo.

Aceita os outros como são sem violentar-lhes o modo de ser e sem permitir que te destruam as realizações e os ideais.

Segue o teu próprio caminho, compreendendo e amando sempre.

Assume as responsabilidades com que te debes conduzir, sem qualquer intromissão no comportamento alheio.

Participa da existência, ofertando as tuas atividades ao montante do benefício comum.

Não te retardes em sombras de ressentimento ou irritação, contra experiências de que ainda precisas.

Segue adiante, pensando no bem, falando para o bem, agindo no bem e edificando para o bem, sem perder o tesouro das horas.

E suceda o que suceder, estarás em segurança, porque assim reconhecerás que a segurança inviolável em nós é a presença de Deus.

EMMANUEL

(psicografia do médium Francisco Cândido Xavier)

MAOMÉ E O ISLAMISMO

(3ª PARTE)

Foi em Medina que Maomé mandou construir a primeira mesquita, na qual trabalhou com as próprias mãos e organizou um culto regular. Aí pregou pela primeira vez em 623. Todas as medidas tomadas por ele testemunhavam a sua solicitude e a sua previdência: *"Um traço característico, ao mesmo tempo, do homem e de seu tempo"*, diz o sr. Barthéflmy Saint-Hilaire, *"é a escolha feita por Maomé de três poetas de Medina, oficialmente encarregados de o defender contra as sátiras dos poetas de Meca. Provavelmente não que nele o amor-próprio fosse mais excitável do que convinha; mas, numa nação espirituosa e viva, esses ataques tinham uma repercussão análoga a que, em nossos dias, podem ter os jornais e eles eram muito perigosos."*

Dissemos que Maomé foi constrangido a fazer-se guerreiro. Com efeito, ele absolutamente não era de humor belicoso, como o havia provado nos primeiros cinqüenta anos de sua existência. Ora, decorridos apenas dois anos de sua residência em Medina, e os Coraychitas de Meca, coligados com as outras tribos hostis, vieram sitiá-la cidade. Maomé teve que se defender; desde então começou para ele um período guerreiro, que durou dez anos e durante o qual se mostrou, sobretudo um tático hábil. Num povo em que a guerra era o estado normal, que só conhecia o direito da força, ao chefe da nova religião era necessário o prestígio da vitória para firmar a sua autoridade, mesmo sobre os seus partidários. A persuasão tinha pouco domínio sobre essas populações ignorantes e turbulentas; uma grande mansuetude teria sido tomada como fraqueza. Em seu pensamento, o Deus forte não podia manifestar-se senão por um homem forte e o Cristo, com a sua inalterável doçura, teria fracassado nessas regiões.

Maomé muito mais foi, pois, guerreiro pela força de circunstâncias, que por seu caráter, e terá sempre o mérito de não ter

sido o provocador. Uma vez iniciada a luta, tinha que vencer ou morrer; só com esta condição poderia ser aceito como o enviado de Deus; era preciso que os seus inimigos fossem destruídos para se convencerem da superioridade de seu Deus sobre os ídolos que adoravam; com a exceção de um dos primeiros combates, onde foi ferido e os muçulmanos derrotados em 625, suas armas foram constantemente vitoriosas e, no espaço de alguns anos, submeteu a Arábia inteira à sua lei. Quando viu sua autoridade assentada e a idolatria destruída, entrou triunfalmente em Meca, após dez anos de exílio, seguido por perto de cem mil peregrinos e aí realizou a célebre peregrinação dita do adeus, cujos ritos os muçulmanos conservaram escrupulosamente. Morreu no mesmo ano, dois meses depois de seu regresso a Medina, a 8 de junho de 632, aos sessenta e dois anos de idade.

Há que julgar-se Maomé pela história autêntica e imparcial e não segundo as legendas ridículas, que a ignorância e fanatismo espalharam por sua conta ou as descrições feitas pelos que tinham interesse em o desacreditar, apresentando-o como um ambicioso sanguinário e cruel. Também não se deve torná-lo responsável pelos excessos de seus sucessores, que quiseram conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho. Sem dúvida houve grandes manchas no último período de sua vida; ele pode ser censurado por ter abusado, nalgumas circunstâncias, do direito de vencedor e de nem sempre ter agido com toda a moderação necessária. Entretanto, ao lado de alguns atos que a nossa civilização reprova, é preciso dizer, em seu favor, que muitíssimas vezes ele se mostrou muito mais humano e clemente para com os inimigos do que vingativo e que muitas vezes deu provas de verdadeira grandeza de alma. Há que reconhecer, também, que mesmo em meio aos seus sucessos e quando havia



chegado ao topo de sua glória, até o seu último dia fechou-se no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica. Nem se fez rei, nem potentado e jamais, na sua vida privada, não se manchou por nenhum ato de barbárie, nem de baixa cupidez. Sempre viveu simplesmente, sem fausto e sem luxo, mostrando-se bom e benevolente para com todos. Isto é da história.

Se nos referirmos ao tempo e ao meio em que vivia; se considerarmos sobretudo as perseguições de que ele e os seus foram vítimas, o encarnçamento dos seus inimigos e os atos de barbárie que estes cometeram contra os seus partidários, é possível que nos admiremos que na ebríez da vitória, por vezes tenha empregado represálias? Pode-se chegar a o censurar por ter estabelecido a sua religião pelo ferro, num povo bárbaro, que o combatia, quando a Bíblia registra, como fatos gloriosos para a fé, carnicárias de tal atrocidade que se é tentada a tomá-las como lendas? Quando, mil anos depois dele, nas regiões civilizadas do ocidente, cristãos, que tinham por guia a sublime lei do Cristo, atirando-se sobre vítimas pacíficas, extinguiram as heresias pelas fogueiras, as torturas, os massacres e em ondas de sangue?

Se o papel guerreiro de Maomé lhe foi uma necessidade, e se esse papel pode excusá-lo de certos atos políticos, o mesmo não se dá com outros aspectos. Até a idade de cinqüenta anos e enquanto viveu sua primeira esposa Khadidja, quinze anos mais velha que ele, seus costumes foram irreprocháveis; mas desde esse momento suas paixões não conheceram freios e foi, incontestavelmente, para justificar abuso que delas fez, que consagrou a poligamia na sua religião. Foi o seu mais grave erro, porque foi uma barreira que elevou entre o Islamismo e o mundo civilizado. Assim, sua religião, após doze séculos, não pode transpor os limites de certas raças. É, também, o lado pelo qual o seu fundador mais se rebaixa aos nossos olhos. Os homens de gênio perdem sempre o seu

prestígio quando se deixam dominar pela matéria; ao contrário, crescem tanto mais quanto mais se elevam acima das fraquezas da Humanidade.

Contudo, o desregramento dos costumes era tal na época de Maomé, que uma reforma radical era muito difícil em homens habituados a se entregar às suas paixões com uma brutalidade bestial. Pode, pois, dizer-se que, regulamentando a poligamia, pôs limites à desordem e conteve os mais graves abusos. Mas a poligamia é contrária às leis da natureza. Pela igualdade numérica dos sexos, a própria natureza traçou os limites das uniões; Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé não pensou que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, era preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso que o masculino.

Mau grado as suas imperfeições, o Islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que apareceu e para o país onde surgiu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. Era a única religião possível para esses povos bárbaros, aos quais não era preciso pedir grandes sacrifícios às suas idéias e costumes. Era-lhes necessário algo de simples como a natureza, em cujo meio viviam; a religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas; assim, todas três tentativas feitas durante cinco séculos para a implantar nessas regiões, tinham falhado completamente; o próprio judaísmo, pouco discutidor, tinha feito poucos prosélitos entre os arabes, posto os Judeus propriamente ditos, aí fossem bastante numerosos. Superior aos de sua raça, Maomé tinha compreendido os homens de seu tempo; para os arrancar do rebaixamento em que os mantinham grosseiras crenças, descidas a um estúpido fetichismo, deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter. Essa religião era a mais simples de todas: *"Crença num Deus único, onipotente, eterno, infinito, presente em' toda à parte, clemente, misericordioso, criador dos*



céus, dos anjos e da Terra, Pai do homem, sobre o qual vela e o cumula de bens; remunerador e vingador numa outra vida, onde nos espera para nos recompensar ou castigar, conforme os nossos méritos. Vendo nossas ações mais secretas e presidindo ao destino inteiro de suas criaturas, que não abandona um só instante, nem neste mundo, nem no outro; submissão à mais humilde e confiança absoluta em sua vontade santa: "eis os dogmas".

Quanto ao culto, consiste na prece, repetida cinco vezes por dia, os jejuns e as mortificações do mês de rhamadan e em certas práticas, das quais diversas tinham um fim higiênico, mas de que Maomé fez uma obrigação religiosa, tais como as abluções diárias, a abstenção do vinho, das bebidas inebriantes, da carne de certos animais e que os fieis consideram um caso de consciência observar nos mais minuciosos detalhes. A sexta-feira foi adotada como o dia santo da semana e Meca indicada como o ponto para o qual todo muçulmano deve voltar-se ao orar. O serviço público nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Alcorão. A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas por ele conservada: era praticada entre os Árabes desde tempos imemoriais. A proibição de reproduzir pela pintura ou escultura qualquer ser vivo, homens e animais, foi feita visando destruir a idolatria, e impedir que ela se renovasse. Enfim, a peregrinação a Meca, que todo fiel deve realizar ao menos uma vez na vida, é um ato religioso; mas tinha um outro objetivo na época, um objetivo político, o de aproximar, por um laço fraternal, as diversas tribos inimigas, reunindo-as num comum sentimento de piedade, num mesmo lugar consagrado.

Do ponto de vista histórico, a religião muçulmana admite o Antigo Testamento por inteiro, até Jesus Cristo inclusive, o qual reconheceu como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus eram enviados de Deus para ensinar a verdade aos homens; como a lei do Sinai, o Evangelho é a palavra de Deus; mas os cristãos alteraram o seu sentido. Declara, em

termos explícitos, que não traz crenças novas, nem culto novo, mas que vem restabelecer o culto do Deus único, professado por Abraão. Ele fala com respeito dos patriarcas e dos profetas que o precederam: Moisés, David, Isaías, Ezequiel e Jesus Cristo; do Pentateuco, dos Salmos e do Evangelho. São os livros que precederam e prepararam o Alcorão. Longe de ocultar os empréstimos que lhes faz, disto se gaba, e a grandeza deles é o fundamento da sua. Pode julgar-se de seus sentimentos e do caráter de suas instruções pelo fragmento seguinte do último discurso que pronunciou em Meca, quando da peregrinação do adeus, pouco antes de sua morte, e conservado na obra de Ibn-Ishâc e de Ibn-Ishâm:

"Ó povos! escutai minhas palavras, pois não sei se, em outro, ano,' poderei encontrar-me ainda convosco neste lugar. Sede humanos e justos entre vós. Que a vida e a propriedade de cada um sejam invioláveis e sagradas para os outros; que aquele que recebeu um depósito o devolva fielmente àquele que o confiou. Aparecereis diante do Senhor e ele vos pedirá contas de vossas ações. Trata bem as mulheres; elas são vossas auxiliares e nada podem por si sós. Vós as tomastes como um bem que Deus vos confiou e delas tomastes posse por palavras divinas.

"Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vosso espírito. Eu vos revelei tudo; deixo-vos uma lei que -vos preservará para sempre do erro, se a ela ficardes ligados fielmente; uma lei clara e positiva, o livro de Deus e o exemplo de seu profeta.

"Ó povos! escutai minhas palavras e fixai-as em vosso espírito. Sabei' que todo muçulmano é o irmão do outro; que todos os muçulmanos são irmãos entre si, que sois todos iguais entre vós e que sois apenas uma família de irmãos. Guardai-vos da injustiça; ninguém deve cometê-la em detrimento de seu irmão: ela arrastará a vossa perda eterna.

"Ó Deus! desempenhei minha mensagem e terminei minha missão? - A multidão que o rodeava respondeu: "Sim, tu a cumpriste." E Maomé exclamou: ó Deus,



digna-te receber este testemunho!"

Eis agora o julgamento de Maomé e da influência de sua doutrina, feito por um de seus historiógrafos, o sr. G. Weil, em sua obra alemã intitulada Moharnmet der Protphet, às páginas 400 e seguintes:

"A doutrina de Deus e dos santos destinos do homem, pregada por Maomé num país que estava entregue à mais brutal idolatria, e que tinha apenas uma idéia da imortalidade da alma, tanto mais nOs deve reconciliar com ele, a despeito de suas fraquezas e de seus erros, quanto sua vida particular não podia exercer sobre os seus aderentes nenhuma influência perniciosa. Longe de se dar jamais por modelo, ele queria sempre que o olhassem como um ser privilegiado, a quem Deus permitia pôr-se acima da lei comum. E de fato, ele foi cada vez mais considerado sob esse aspecto especial.

"Seríamos injustos e cegos se não reconhecêssemos que seu povo lhe deve ainda outra coisa de verdadeiro e de bom. Ele reuniu numa só grande nação, crente fraternalmente em Deus, as inumeráveis tribos árabes, até então inimigas entre si. Em lugar do mais violento arbítrio, do direita da força e da luta individual, ele estabeleceu um direito Inquebrantável que, mau grado suas imperfeições, forma sempre a base de todas as leis do Islamismo. Limitou a vingança de sangue que, antes dele se estendia até aos parentes mais remotos e a limitou àquele que os juizes reconhecessem por assassino. Mereceu bem sobretudo do belo sexo, não só protegendo as filhas contra o atroz costume que muitas vezes as imolavam por seus pais. Mas, além disso, protegendo as mulheres contra os parentes de seus maridos, que as herdavam como coisas materiais, protegendo-as contra os maus tratos dos homens. Restringiu a poligamia, não permitindo aos crentes senão quatro esposas legítimas, em vez de dez, como era uso, sobretudo em Medina. Sem ter libertado inteiramente os escravos, foi bom e útil para eles de várias maneiras. Para os pobres, não só recomendou sempre a beneficência para com eles, mas

estabeleceu formalmente um imposto em seu favor e lhes concedeu uma parte especial no saque e no tributo. Proibindo o jogo, o vinho e todas as bebidas inebriantes, preveniu muitos vícios, excessos e querelas, e muitas desordens.

"Pôsto não consideremos Maomé como um verdadeiro profeta, porque empregou para propagar sua religião meios violentos e impuros, porque ele próprio foi muito fraco para se submeter à lei' comum e porque se dizia o sélo dos profetas, declarando que Deus sempre podia substituir o que ele havia dado por algo de melhor, não obstante tem o mérito de ter feito penetrar as mais belas doutrinas do Velho e do Novo Testamento num povo que não era esclarecido por nenhum raio da fé, a esse título, deve parecer, mesmo aos olhos não maometanos, como um enviado de Deus."

Como complemento deste estudo, citaremos algumas passagens textuais do Alcorão, tiradas da tradução de Savary:

"Em nome do Deus clemente e misericordioso. - Louvor a Deus, soberano dos mundos. - A misericórdia é a sua partilha. - Ele é o rei no dia do juízo. - Nós te adoramos, Senhor, e Imploramos a tua assistência. - Dirige-nos no caminho da salvação, -. no caminho dos que cumulaste com os teus benefícios; - dos que não mereceram a tua cólera e se preservaram do erro. (Introdução, Surata I).

"Ó mortais, adorais o Senhor que vos criou, vós e os vossos pais, a fim de que o temais; que vos deu a Terra por leito e o céu por tecto; que fez descer a chuva dos céus para produzir todos os frutos de que vos alimentais. Não deis sócio ao Altíssimo; vós o sabeis. (Surata II, v. 19 e 20). Porque não creio em Deus? Estáveis mortos, ele vos deu a vida; ele extinguirá vossos dias e lhes acenderá o facho. Voltareis a ele. -- :Ele criou para vosso refúgio tudo o que há sobre a Terra. Voltando depois seu olhar para o firmamento, formou os sete céus. É ele cuja ciência abarca o Universo. (Surata II, v. 26 e 27).

"O Oriente e o Ocidente pertencem a Deus; para qualquer lugar que se voltem



vossos olhos, reconheceréis a sua face. Ele enche o Universo com a sua Imensidade e com a sua ciência. - Ele formou a Terra e os céus. Quer produzir qualquer obra? diz: "Seja feita"; e a obra está feita - Os ignorantes dizem: "Se Deus não nos fala e se não nos fazes ver um milagre, não cremos." Assim falavam seus pais; seus corações são semelhantes. Fizemos brilhar bastantes prodígios para os que têm fé. (Surata II, v. 109 a 112).

Deus não exigirá de cada um de nós senão conforme as suas forças. Cada um terá em seu favor as boas obras e contra si o mal que houver feito. Senhor, não nos castigues por faltas cometidas por esquecimento. Perdoa os nossos pecados; não nos imponhas o fardo que carregaram os nossos pais. Não nos carregues além de nossas forças. Faze brilhar para os teus servos o perdão e a indulgência. Tem compaixão de nós; és o nosso socorro. Ajuda-nos contra as nações infiéis. (Surata, v. 286).

Ó Deus, rei supremo, dás e tiras à vontade as coroas e o poder. Elevas e rebaixas os humanos à tua vontade; o bem está em tuas mãos; tu és o Onipotente. - Mudas o dia em noite e a noite em dia. Fazes sair a vida do seio da morte e a morte do seio da vida. Derramas teus tesouros infinitos sobre quem te aprazo (Surata III, v. 25 e 26).

Ignorais quantos povos fizemos desaparecer da face da terra? Nós lhes havíamos dado um império mais estável que o vosso. Mandávamos as nuvens a derramar a chuva sobre os seus campos; aí fazíamos correrem os rios. Só os seus crimes causaram a sua ruína. Nós os substituímos por outras nações. (Surata VI, v. 6).

É a Deus que deveis o sono da noite e o despertar da manhã. Ele sabe o que fazeis durante o dia. Ele vos deixa realizar o curso da vida. Reaparecereis perante ele e ele vos mostrará as vossas obras. Ele domina os seus servos. Ele vos dá como guardas anjos encarregados de terminar vossos dias no momento prescrito. Eles executam cuidadosamente a ordem do céu. Voltareis

em seguida diante do Deus da verdade. Não é a ele que pertence julgar? Ele é o mais exato dos juizes. Quem vos livra das tribulações da Terra e dos mares, quando, invocando-o em público ou no secreto do coração, exclamais:

"Senhor, se de nós afastas estes males, nós te seremos reconhecidos?" - É Deus quem deles vos livra. É sua bondade que vos alivia de pena que vos oprime; e depois voltais à idolatria. (Surata VI, v. 60 a 64).

Todos os segredos são desvelados aos seus olhos; é grande o Altíssimo. - Aquele que fala em segredo, aquele que fala em público, o que se envolve nas sombras da noite e o que aparece à luz do dia, lhes são igualmente conhecidos. - É ele quem faz brilhar o raio aos vossos olhos, para vos inspirar medo e esperança. É ele quem eleva as nuvens carregadas de chuva. - O trovão celebra seus louvores. Os anjos tremem em sua presença. Ele lança o raio e este fere as vítimas marcadas. Os homens discutem sobre Deus, mas ele é o forte e o poderoso. - Ele é a invocação da verdade. Os que imploram a outros deuses não serão exaltados. Assemelham-se ao viajante que, premido pela sede, estende a mão para a água que não pode alcançar. A invocação dos infiéis se perde na noite do erro. (Surata XIII, v. 10 a 15).

Jamais digas: "Farei isto amanhã", sem acrescentar: se for a vontade de Deus. "Eleva a ele o teu pensamento, quando tiveres esquecido alguma coisa, e diz: "Talvez ele me esclareça e me faça conhecer a verdade. (Surata XVIII, v. 23).

Se as ondas do mar se mudassem em tinta, para descrever os louvores do Senhor, seriam esgotadas antes de haver celebrado todas as suas maravilhas. Um outro oceano semelhante ainda não bastaria. (Surata XVIII, v. 109).

Aquele que busca a verdadeira grandeza a encontra em Deus, fonte de todas as perfeições. Os discursos virtuosos sobem ao seu trono. Ele exalta as boas obras; pune rigorosamente o celerado que trama perfídias.

Não, o céu jamais anula o decreto que ele



pronuncia.

Não percorreram a terra? Não viram que ela foi o fim deplorável dos povos que, antes deles, marcharam no caminho da iniquidade? Esses povos eram mais fortes e mais poderosos do que eles. Mas nada no céu e na terra pode opor-se às vontades do Altíssimo. A ciência e a força são seus atributos. - Se Deus punisse os homens desde o instante em que se tornam culpados, não estaria na Terra um Ser animado. Ele difere os castigos até o termo marcado. - Quando chegar o tempo, ele distingue as ações de seus servidores. (Surata XXXV, v. 11, 41 a 45).

Estas citações bastam para mostrar o profundo sentimento de piedade que animava Maomé e a idéia grande e sublime que fazia de Deus. O Cristianismo poderia reivindicar este quadro.

Maomé não ensinou o dogma da fatalidade absoluta, como pensam geralmente. Esta crença, de que estão imbuídos os muçulmanos, e que paralisa sua iniciativa em muitas circunstâncias, não passa de uma falsa interpretação e uma falsa aplicação do princípio da submissão à vontade de "Deus, levado além dos limites racionais; não compreendem que esta submissão não exclui o exercício das faculdades do homem, e lhes falta como corretivo a máxima: *Ajuda-te, e o céu te ajudará.*

As passagens seguintes tratam de pontos particulares da doutrina.

Deus tem um filho, dizem os cristãos. Longe dele esta blasfêmia! Tudo o que está no céu e na Terra lhe pertence. Todos os seres obedecem à sua voz. (Surata II, v. 110).

"Ó vós que recebestes as escrituras, não ultrapasseis os limites da fé; não digais de Deus senão a verdade. Jesus é filho de Maria, enviado do Altíssimo e o seu Verbo. me o fez descer no seio de Maria; é o seu sopro. Crede em Deus e nos apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é uno; esta crença vos será mais segura. Longe de ter um filho, ele governa só o céu e a Terra; ele se basta a si mesmo. - O Messias não corará por ser o servo de Deus, assim como os anjos que rodeiam o

seu trono e lhe obedecem. (Surata IV, v. 169, 170).

"Os que sustentam a trindade de Deus são blasfemos; há apenas um só Deus. Se não mudarem de crença, um doloroso suplício será o prêmio de sua impiedade. (Surata V, v. 77).

Os judeus dizem que Ozai é o filho de Deus. Os cristãos dizem o mesmo do Messias. Falam como os infieis que os precederam. O céu punirá suas blasfêmias. - Ele chamam senhores aos seus pontífices, seus monges, e o Messias filho de Maria. Mas lhes é recomendado servir a um só Deus: não há outro. Anátema sobre os que associam ao seu culto. (Surata IX, 30, 31).

Deus não tem filhos; não partilha o império com outro Deus. Se assim fosse, cada um deles quereria apropriar-se de sua criação e elevar-se acima de seu rival. Louvor ao Altíssimo! Longe dele essas blasfêmias! (Surata XXII, v. 93).

Declara, Maomé, o que o céu te revelou. - A assembléia dos gênios, tendo escutado a leitura do Alcorão, exclamou: "Eis uma doutrina maravilhosa. - Ela conduz à verdadeira fé. Nós cremos nela e não damos um igual a Deus. - Glória à sua Majestade suprema! Deus não tem esposa; ele não gerou." (Surata LXXII, v. 1 a 4).

Dizei: "Cremos em Deus, no livro que nos enviou, no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isaac, Jacob e às doze tribo. Cremos na doutrina de Moisés, de Jesus e dos profetas; não fazemos nenhuma diferença entre eles e somos muçulmanos." (Surata II, v. 130).

Não há Deus senão o Deus vivo e eterno. - Ele te enviou o livro que encerra a verdade, para confirmar a verdade das Escrituras que o precederam. Antes dele, fez descer o Pentateuco e o Evangelho, para servirem de guias aos homens; enviou o Alcorão dos céus. - Os que negarem a doutrina divina só devem esperar suplícios; Deus é poderoso e a vingança está em suas mãos. (Surata III, v. 1, 2, 3).

"Há os que dizem: "Juramos a Deus não crer em nenhum outro profeta, a menos



que a oferenda que ele apresenta não seja confirmada pelo fogo do céu." Responde-lhes: "Tinheis profetas antes de mim; operaram milagres e aquele mesmo de que falais. Porque então manchastes as vossas mãos com seu sangue, se dizeis a verdade? - Se negam a tua missão, trataram do mesmo modo os apóstolos que te precederam posto fossem dotados do dom dos milagres e tivessem trazido o livro que esclarece (o Evangelho) e o livro dos salmos. (Surata III, v. 179 a 181).

Em muitas outras passagens Maomé fala no mesmo sentido e com o mesmo respeito dos profetas, de Jesus e do Evangelho. Mas é evidente que se equivocou quanto ao sentido ligado à Trindade e a qualidade de filho de Deus, que toma ao pé da letra. Se esse mistério é incompreensível para tantos cristãos e se entre estes provocou tantos comentários e controvérsias, não é de admirar que Maomé não o tenha compreendido. Nas

três pessoas da Trindade ele viu três deuses e não um só Deus e três pessoas distintas; no filho de Deus ele viu uma procriação. Ora! a idéia que ele fazia do Ser Supremo era tão grande que a menor paridade entre Deus e um Ser qualquer e a idéia de que pudesse partilhar o seu poder lhe parecia uma blasfêmia. Não se tente Jesus jamais apresentou-se como Deus e não tendo falado da Trindade, esses dogmas lhe pareceram uma derrogação das próprias palavras do Cristo. :Ele viu em Jesus e no Evangelho a confirmação do princípio da unidade de Deus, objetivo que ele próprio buscava. Eis por que os tinha em grande estima ao passo que acusava os cristãos por se haverem afastado deste ensinamento, fracionando Deus e dedicando o seu messias. Assim se diz enviado depois de Jesus, para reconduzir os homens à unidade pura da divindade. Toda a parte a cada passo **(continua)**...

Mensagens

“Se desejas, porém, sublimar as possibilidades de acústica da própria alma, estuda e reflete, pondera e auxilia, fraternalmente, e terás contigo os “ouvidos de ouvir”, a que se reportava Jesus, criando em ti mesmo o entendimento para a assimilação da Eterna Sabedoria”.

“Todos anelamos a paz do mundo; no entanto, é imperioso não esquecer que a paz do mundo parte de nós”.

“Não te confies às aparências”.

EMMANUEL



SÉRIE ACONTECEU COM...

(2ª PARTE)

...CHICO XAVIER

Dona Simone, dedicada trabalhadora da seara espírita, residia na cidade de São Paulo nos anos 80 e participava com muita dedicação de um grupo assistencial que era coordenado por Chico Xavier, em Uberaba, para onde viajava periodicamente.

A atividade do grupo consistia na realização de visitas fraternas a famílias de baixa renda, residentes em um bairro pobre da região. Nessas visitas além de levar o conforto espiritual para as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, era também realizado o Evangelho no Lar, buscando harmonizar as famílias com o amparo dos amigos do plano maior. A equipe era bastante unida e o trabalho era sempre realizado com muita disposição e alegria, sempre com o conhecimento de que nessas ocasiões, sempre recebemos muito mais do que estamos dando.

Dentre os voluntários, destacava-se uma senhora de uma simpatia ímpar, cujo principal atributo físico era a obesidade. Sua compleição era daquelas pessoas que apresentam um quadril bastante largo. Pela dedicação ao grupo e aos assistidos, ela mereceu receber dos amigos, o singelo apelido de “Divina”.

Mas, voltemos à Dona Simone. Em uma das semanas em que realizaria este trabalho, Dona Simone teve a alegria de sonhar com sua equipe, alguns dias antes. Ela via-se em Uberaba juntamente com o grupo, caminhando por um vilarejo que lhe era desconhecido, cheio de casebres pobres e pequenos. A equipe, como sempre, seguia unida, alegre e confiante com a orientação segura do Chico.

Após caminharem por um longo trecho, o grupo finalmente chegou ao casebre que seria visitado. O barraco, porém, tinha uma porta extremamente estreita onde até mesmo uma pessoa magra passaria com dificuldade. A curiosidade então, logo “bateu” em Dona Simone: “Como será que a Divina vai fazer pra passar por essa

portinha?”

Eles foram entrando na mesma ordem em que vinham caminhando: O Chico foi o primeiro a entrar, seguido logo de perto por Dona Simone. Assim que entrou, ela virou-se depressa pra trás, para “matar sua curiosidade”, pois a Divina seria a próxima pessoa a entrar...

Mas qual não foi sua decepção ao perceber que apesar de sua rapidez, ao olhar pra trás, a Divina já havia entrado (não se sabe como!...). E com isso Dona Simone despertou, mantendo a lembrança deste sonho prazeroso com seu grupo de voluntários.

Ela conservou a lembrança pelo restante da semana, feliz com a idéia de comentar com os amigos tão logo chegasse a Uberaba. Em lá chegando, logo avistou de longe o Chico, e dele foi se aproximando ansiosa por contar a novidade. Em sua mente, a frase já estava pronta: “Chico, eu sonhei com vocês esta semana!”. Assim que se aproximou dele, abriu os braços e um largo sorriso e começou a pronunciar sua frase, sendo porém logo interrompida pelo amigo:

- “Chico, eu...”

Ao que Chico prontamente falou:

“E quase que a Divina não passa pela porta, né?...”.

...BEZERRA DE MENEZES

Perante enorme ajuntamento no Plano Espiritual, o dr. Bezerra de Menezes, apóstolo da Doutrina Espírita no Brasil, rematava a preleção.

Falara, com muito brilho acerca dos desregramentos morais; destacara os males da alma e os desastres do espírito. Disponha-se à retirada, quando fino ironista invectivou-o:

- Escute, doutor: o senhor disse que a calúnia é um brasileiro no caluniador. Eu caluniei e nada senti. O senhor disse que o furto é um espinho no ladrão. Eu roubei e nada senti. O senhor disse que o destruidor de lares terrestres carrega a lâmina do arrependimento a retalhar-



lhe o coração. Destruí diversos lares e nada senti. O senhor disse que o criminoso tem a nuvem do remorso a sufocá-lo. Eu matei e nada senti...

- *Meu filho,* disse o pregador, *que sente um cadáver quando alguém lhe incendeia o braço inerte?*

- **Nada,** disse rindo, **o opositor sarcástico, pois cadáver não reage!**

E a conversação prosseguiu.

- *Que sente um cadáver se lhe enterram um espinho no peito?*

- **Coisa alguma.**

- *Que sente um cadáver se o mergulham num lago de piche?*

- **Absolutamente nada, ora essa! O cadáver é a imagem da morte.**

Dr. Bezerra fitou o triste interlocutor e, meneando paternalmente a cabeça, concluiu:

- *Pois olhe, meu filho, quando alguém não sente o mal que pratica, em verdade carrega consigo a consciência morta. É um morto-vivo...*

FONTE: A VIDA ESCREVE, Parte II, capítulo 10

... BATUÍRA

Achava-se Bатуíra, o inolvidável apóstolo da Doutrina Espírita, em sua residência na Rua do Lavapés, em São Paulo, quando um enfermo melhorado varou a porta.

Homem próspero que o dono da casa conhecia de muito tempo.

- **Graças a Deus, Bатуíra, estou muito mais forte** disse o recém-chegado; **já consigo dominar-me e governar meus próprios pensamentos. Venho, assim,**

hoje, com mais confiança, à nossa prece.

Transbordando satisfação, Bатуíra abraçou-o e lembrou:

- *Convém, então, louvar a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, formulando renovação.*

- **Sim, meu amigo, faça a petição que deseje e acompanharei as suas palavras.**

O apóstolo cofiou a barba respeitável, elevou os olhos ao Alto e, colocando as mãos sobre a cabeça do doente sentado, ia dizendo a oração:

- *Senhor, eu te agradeço a infinita misericórdia...*

E o amigo repetia:

- **Senhor, eu te agradeço a infinita misericórdia...**

- *E prometo...*

- **E prometo...**

- *Que serei paciente e humilde...*

- **Que serei paciente e humilde...**

- *Que procurarei o caminho do bem...*

- **Que procurarei o caminho do bem...**

- *Que executarei o trabalho que a tua vontade determinar...*

- **Que executarei o trabalho que a tua vontade determinar...**

- *Que abrirei minha bolsa todos os dias, em favor dos necessitados...*

Mas, neste ponto, sentindo talvez que o compromisso enunciado era para ele excessivamente pesado, o doente começou a gritar e piorou outra vez...

FONTE

1) Segundo relato da filha da personagem

Mensagens

“Nesta ou naquela vantagem efêmera, que te felicite o caminho entre os homens recorda, com o apóstolo Paulo, que os Espíritos reencarnados não trazem consigo quaisquer propriedades materiais para este mundo e manifesto é que nenhuma delas poderão levar dele”.

EMMANUEL



POR QUE A DISCIPLINA DAS EMOÇÕES?

Gustavo Silvério

“Se ainda trazes, porventura, o hábito de encolerizar-te e se já consegues reconhecer-lhe os prejuízos, podes claramente erradicá-lo, atendendo à própria renovação”.

(Texto extraído do livro **CALMA**, autoria espiritual de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, ed. FEB)

As seguidas desarmonias emocionais quase sempre causam enfraquecimento e enfermidade das partes mais sensíveis do corpo humano, cujos efeitos se estendem por sucessivas reencarnações, se não houver por parte do protagonista decisão firme de pôr freios em seus desatinos. Nestas circunstâncias, o corpo espiritual tem participação efetiva, em virtude de sua formação mento-eletromagnética, que tanto registra os impulsos dos pensamentos nobres, como os ímpetos descontrolados, tudo sob a regência dos chacras.

Esses centros de forças comandam e organizam o funcionamento do perispírito; conservam e ao mesmo tempo renovam a sutileza dos tecidos desse corpo rarefeito, de conformidade com a posição evolutiva do Espírito; firmam e garantem o mapeamento genético, as organizações celulares e as funções dos órgãos físicos, além da assimilação do fluido vital, enquanto o Ser estiver reencarnado.

Em caso de enfermidades provocadas pelas atitudes arbitrárias e infelizes da pessoa, logo o organismo perispiritual se ressentido, e se agrava ainda mais a doença, que, por vezes, nem com os cuidados médicos cessa enquanto ficar esquecido o tratamento autoterapêutico com fundamento na moral cristã.

Mas existem aqueles pacientes que se mantêm em atitude digna e honrosa, sem se deixar levar pelo desfalecimento e pelo desânimo, durante a travessia pela porta estreita. Por adotarem serenidade e resignação, não será motivo de admiração se alcançarem algum alívio de seus males ou até mesmo a cura, que aos olhos de

muitos, seria um verdadeiro “milagre”. Deus, pois, em Sua Infinita Bondade, sabe muito bem a quem dirigir a Sua Misericórdia no momento certo. A maioria, porém, é inconformada, intolerante e queixosa; essas atitudes só agravam o estado enfermigo por tempo indeterminado, até com o surgimento de outros quadros sintomáticos; pessoas assim comparam-se a hospitais ambulantes, em virtude de constantes cargas enfermigas que somatizam.

O benfeitor espiritual Emmanuel, em mensagem psicografada por Chico Xavier, no livrete **ATENÇÃO**, editado pelo Instituto de Difusão Espírita (IDE), afirma que a cólera é **força descontrolada e precipitação em doença**.

Significativa advertência só nos enseja oportunidade de reflexão, a fim de cuidarmos ao máximo do nosso equilíbrio tanto o mental quanto o emocional, o que nos proporcionará assim razoável estado psicossomático.

O colérico obnubila sua razão com as seqüentes crises por que passa, o que lhe dificulta chegar à linha da moderação e da prudência, motivo pelo qual suas bruscas inquietações se transformam em descargas magnéticas destruidoras que afetam o sistema nervoso, o sistema cardiovascular e causam outros tantos desarranjos do organismo físico. Isso faz-nos concluir que a força destrutiva do ódio não tem limites de tempo nem de espaço para ramificar suas raízes.

Já nos idos de 1863, Um Espírito Protetor esclarecia categoricamente o seguinte:

“Em seu frenesi, o homem colérico a tudo se atira: à natureza bruta, aos objetos inanimados, quebrando-os porque não lhe obedecem. Ah! Se nesses momentos pudesse ele observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si, ou bem ridículo se acharia!”

Detalha ainda com sabedoria:

“Se ponderasse que a cólera a nada remedia, que lhe altera a saúde e compromete até a vida, reconheceria ser



ele próprio a sua primeira vítima. Mas, outra consideração, sobretudo, deverá conte-lo: a de que torna infelizes todos os que o cercam". (O Evangelho Segundo o Espiritismo, FEB).

O sentimento odioso é **tomada para a obsessão e queda em desequilíbrio**, continua Emmanuel em sua mensagem sobre a cólera.

São obsessões insistentes que levam uma porção de criaturas à loucura, ao crime e ao suicídio; e essas infelicidades quase sempre conduzem-nas a segundas reencarnações expiatórias e dolorosas como recurso curativo.

O processo obsessivo se instala *pari passu* no campo mental nas vezes em que a pessoa se deixa encolerizar. Repetidamente, ela se entrega sem resistência à sanha dos Espíritos perturbadores e não percebe sequer que sua vida vem sendo monitorada a todo momento pelas legiões espirituais infelizes. Por isso, com o decorrer do tempo, o paciente não encontra forças para nada, ou seja, não reage, não se defende e não distingue em tempo algum se os pensamentos são seus ou se são de outrem, o que resulta em permanentes contradições torturantes.

A emoção colérica é **impulso à desencarnação prematura e perigo de criminalidade**, prossegue o autor.

Paulatinamente, a resistência física se esgota de tanto o corpo resistir contra as investidas advindas das emoções e dos sentimentos grosseiros: ódio desmedido sem iniciativa de concórdia, crises nervosas por qualquer motivo e discussões vinagrosas com palavras de baixo calão. Indubitavelmente, esse aparato só colabora para resultados funestos em futuro próximo, como a decrepitude prematura e a desencarnação fora de época. Mas as coisas não param por aí.

Existem pessoas tão emotivas e ao mesmo tempo tão azedas com a vida, que chagam ao ponto de se aborrecerem com tudo e com todos que estão em sua volta, sem justificativa alguma. Quando dormem, vão com frequência às regiões escuras da

Espiritualidade. Durante os momentos em que passam por lá, tornam-se marionetes nas mãos dos Espíritos inferiores, a receberem dessas falanges minuciosas instruções que ficam bem gravadas em suas memórias, cujo objetivo é cometer atitudes ruins e até criminosas quando estão em vigília.

A lição lembra ainda que esse lamentável impulso é **introdução à culpa e descida ao remorso**.

Realmente, a culpa é o embrião do remorso.

O colérico é sempre aquela pessoa de difícil relacionamento, porque ninguém se adapta ao seu jeito de ser; costuma ter comportamentos alterados e ações intempestivas; faz *"tempestade em copo d'água"*, com rara mestria; enxerga coisas que não existem e distorce tudo o que ouve; e vive ruminando mágoas, sem fim. Porém, momentos chegam em que tudo volta a si, pela lei de causa e efeito e pela alquimia da culpa que se instala em sua consciência. É então onde o remorso atinge alto grau, transformado mais tarde em psicopatias e demências várias, em futuras reencarnações.

O assunto continua a ser abordado com inteligência e sentimento por Emmanuel, quando diz que a cólera se assemelha à **pandarcia vibratória e desagregação de energias**.

As vibrações originadas pelos ímpetos coléricos causam mais danos do que as picadas dos répteis. Para a anulação destas, existem os antídotos com efeitos imediatos; para a extinção daquelas, há somente o aprimoramento e a modificação do caráter de quem as originou, o que requer mais tempo. Porém, antes que isso aconteça, é provável que se passe pelos dissabores, seja aqui no plano físico, seja nos recantos sombrios da Espiritualidade, em que muitos Espíritos se encontram para purgarem juntos os seus equívocos, cada qual com seus respectivos desequilíbrios sentimentais e emocionais das primárias experiências físicas, a fim de iniciarem já por lá o aprendizado da redenção, qual seja: a transformação de suas aflições no



desabrochar das sementes divinas que trazem consigo.

O instrutor espiritual Gúbio, no livro **LIBERTAÇÃO**, do Espírito André Luiz, psicografado pelo médium de Uberaba, esclarece-nos com muita propriedade sobre questão tão delicada e ao mesmo tempo complexa, ao confirmar que *“nossas raízes emocionais se mergulham mais ou menos profundamente nos círculos da animalidade primitiva. Vem a foice da morte e sega-nos os ramos dos desejos terrenos; todavia, nossos vínculos guardam extrema vitalidade nas camadas inferiores e renascemos entre aqueles mesmos que converteram em nossos associados de longas eras, através de lutas vividas em comum, e aos quais nos agrilhoamos pela comunhão de interesses da linha evolutiva em que nos encontramos”*.

A confusão mental decorrente da pancadaria vibratória deixa a pessoa tolhida de pensar com clareza. A cada acesso de cólera, ela atrai somente fluidos adstringentes para o seu perispírito e para a sua aura, o que permite assim a sintonia com vibrações negativas que a conduzem, de queda em queda, às vias das angústias. E quanto a nós, profítes do Espiritismo, estaremos imunes a tais calamidades? Claro que não. Ora, basta observar que o tema central discorrido por Emmanuel é dirigido aos espíritas em primeiro lugar, como outras mensagens suas e de outros Espíritos sérios. Não somos santos, mas

trabalhadores da última hora, que insistem por oportunidade de *“emprego e salário”* na seara do Senhor. Por isso, não nos basta freqüentar habitualmente as palestras públicas doutrinárias que são realizadas nos Centros Espíritas, como se estivéssemos cumprindo obrigações meramente sociais e rotinas igrejeiras. Improfícuo é recebermos passes assiduamente, se não identificarmos bem os nossos enganos, a fim de transformá-los, enquanto é tempo, em verdades libertadoras. Ilusão nossa a participação semanal em reuniões mediúnicas, se não brotar espontaneamente o desejo sincero da correção dos nossos arroubos descontrolados, como costumamos doutrinair os desencarnados necessitados. Inútil apresentarmo-nos com belas palestras às platéias espíritas, se não houver correspondência com a nossa reforma íntima, porque todos notarão, e isso resultará em dissabores e frustrações. A participação em encontros, congressos e demais eventos espíritas, torna-se-á momentos de lazer, se não surgir o esforço da prática cristã junto ao próximo. Escrever linhas sobre questões do Evangelho e do Espiritismo, mas sem o mínimo de vivência prática, logo essas sementes irão ao vento. E a construção de paredes para formarem novas agremiações espiritistas passará a ser mero capricho e personalismo, se não houver demonstração dos exemplos



Mensagens

“Mesmo que todos os acontecimentos exteriores conspirem contra nós, permaneçamos fiéis ao trabalho do Senhor, estendendo o bem a todos os que nos cercam, na certeza de que o trabalho, em nome do Senhor, não é em vão”.

EMMANUEL



DIVINDADE EMERGENTE

Rogério Coelho (Muriaé MG)

“O propósito da reencarnação é dar-nos oportunidade para aprendermos a transcender a condição humana.”
Giordano Bruno

Viajando pela cultura oriental, concluiu Elizabeth C. Prophet:

“(...) Ao longo da Vida na Terra as Almas emaranham-se na ignorância, dor e sofrimento; criam laços cármicos que as obrigam a retornar continuamente em novos corpos. Um texto hindu compara o Universo à uma roda à qual estão ligadas todas as criaturas sujeitas ao nascimento, morte e renascimento”.

“Carma” em sânscrito significa ato, ação, trabalho ou obra. No Hinduísmo, o significado da palavra carma foi evoluindo até referir-se às ações que aprisionam a alma ao mundo da existência. “Assim como um fazendeiro ao plantar um certo tipo de semente obtém uma determinada colheita, o mesmo acontece com as boas ou as más ações”, diz o Mahabharata, um texto épico hindu. Por termos semeado o bem e o mal, precisamos retornar para fazer a colheita.

O Hinduísmo reconhece que as almas se sentem felizes fazendo isto. Vida após Vida. Desfrutam a Vida na Terra com sua mistura de prazer, dor, sucesso e fracasso. Vivem, morrem e tornam a viver, provando o sabor agridoce do bom, do mau carma que semearam.

Mas existe uma outra senda para aqueles que estão cansados deste retorno infundável: a união com Deus. Cada Vida, como explicou o novelista francês Honoré de Balzac, deve ser vivida para *“alcançar a estrada onde brilha a Luz. A morte marca etapas nesta jornada”.*

Quando as Almas decidem retornar à sua origem, a sua meta é purificar-se da ignorância e das trevas. Este processo pode levar muitas Vidas. O Mahabharata compara o processo de purificação ao trabalho de um ourives que refina o seu metal, lançando-o sucessivamente ao

fogo.

Uma vez purificada, a Alma se liberta da roda do nascimento e une-se a Brahman, atingindo assim a “Imortalidade”.

Os budistas também vêem o ciclo de renascimento como uma roda a que estamos presos até podermos quebrar as correntes cármicas. Siddharta Gautama (563-483 a.C.), fundador do Budismo, começou a Vida como hindu. Tomou emprestadas as idéias do Hinduísmo sobre carma e reencarnação e desenvolveu-as.

O Dhammapada, um dos textos budistas mais conhecidos, explica o carma da seguinte forma: *“O que somos hoje provém dos nossos pensamentos de ontem, e nossos pensamentos atuais constroem a nossa Vida de amanhã. A nossa Vida é criação da mente, se um homem fala ou age com uma mente impura, o sofrimento o segue assim com as rodas da carroça seguem os animais que a puxam... Se um homem fala ou age com uma mente pura, a alegria o acompanha como a sua própria sombra”.*

Hoje a palavra carma está na moda como um substituto para destino. Mas a crença no carma não é fatalista. O carma, de acordo com os hindus, pode fazer com que a pessoa nasça com certas tendências ou características, **mas não a obriga a agir de acordo com estas características. O carma não nega o livre-arbítrio.** Cada pessoa *“pode seguir a tendência que criou ou lutar contra ela”*, como explica a sociedade Vedanta, uma organização que promove o Hinduísmo no Ocidente.

“O carma não é determinista”, lemos na Enciclopédia de Filosofia e Religião Orientais.

“Os atos realmente determinam como o indivíduo renascerá, mas não são as suas ações. O carma determina a situação, não a resposta à situação”. O Budismo concorda com este conceito. Buda ensinou que a compreensão do carma nos dá a oportunidade de mudar o futuro.



Para ele, a crença no determinismo era a mais perigosa de todas as doutrinas. “*Em vez de nos entregarmos a um destino irreversível*” ensinava ele, “*a reencarnação permite-nos agir hoje para mudar o futuro*”.

Como o Dhammapada explica: “*Assim como um homem que volta de uma longa viagem é recebido com alegria por seus parentes e amigos, aos boas obras de um homem em uma Vida recebem-no na Vida seguinte, com a alegria de um amigo recebendo outro amigo que retorna.*”

Segundo os hinduístas e budistas, o nosso carma exige que continuemos a reencarnar até alcançarmos a união divina. Essa união com o Atman segundo eles -, pode ocorrer em etapas enquanto estamos vivos e tomar-se permanente depois da morte.

Os cristãos primitivos reencarnacionistas podem ter recebido do Hinduísmo algumas de suas idéias sobre a reencarnação. Também eles acreditavam que a alma contém uma parte de Deus, uma semente ou centelha, e que tem o potencial para integrar-se com esta centelha e tornar-se Deus, também acreditavam que tornar-se Deus é um processo gradual.

O que teria mais tarde causado o cisma entre os cristãos no que respeita à reencarnação? Entendemos que o confronto entre os reencarnacionistas e cristãos ortodoxos tornou-se inevitável, devido às suas visões divergentes sobre o mundo. Os ortodoxos eram literalistas; tinham crenças que muitos cristãos de hoje consideram inaceitáveis. Por exemplo: acreditavam que o Jardim do Éden era um local real na Terra.

Os reencarnacionistas, por outro lado, raramente interpretavam a Bíblia literalmente. Buscavam símbolos ocultos. Para eles, o Éden não era um local histórico, mas um estado eterno em que as Almas faziam parte de Deus. As Almas, de alguma forma, perderam este estado e foram colocadas na Terra para recuperá-lo. Como o corpo humano é finito e fraco, os reencarnacionistas acreditavam que as almas poderiam precisar de mais de uma Vida para completar este processo. Para eles, a idéia de reunião com Deus

caminhava de mãos dadas com a idéia da reencarnação.

Os reencarnacionistas viam Jesus como um homem que nos mostrou a forma de nos unirmos a Deus. Os ortodoxos, ao contrário, viam Jesus como alguém completamente diferente de nós para ser adorado, não emulado. Embora ensinassem que os cristãos deveriam imitar as admiráveis qualidades humanas de Jesus, como a humildade e a bondade, não acreditavam que os seres humanos tinham capacidade para se tornarem Filhos de Deus.

Vejo a todos como filhos de Deus que têm o potencial de tornar-se o Cristo, como fez Jesus. A cristicidade não é algo que apenas Jesus possui. É algo que Ele alcançou fazendo da vontade do Pai a sua comida.

De Pitágoras aos místicos judeus medievais, dos professores gnósticos do século III, como Orígenes de Alexandria, vemos sempre o mesmo tema: **oportunidade infinita igual a possibilidade infinita**. Só a reencarnação pode nos oferecer o tempo e o espaço para a definitiva alforria espiritual.

Tornar-se “*perfeito como perfeito é o Pai Celestial*” conforme exortação de Jesus não é uma idéia que atrai a todos. Muitos mesmo acreditam ser isso apenas uma utopia; e ademais, algumas pessoas estão felizes com a Vida que levam. Sem embargo, a reencarnação também lhes oferece uma saída: a oportunidade de continuarem a retornar à Terra até que estejam satisfeitas e prontas para buscar as formas de existências mais elevadas. Mesmo que estejam contentes com a Vida, podem estar na estrada que conduz à união com Deus e não sabe-lo. Se alguma vez sentiram-se parte do todo que é a Vida, seja através de um sentimento de integração com a Natureza, com um ser amado ou com a Humanidade, é porque já iniciaram este processo.

Com este excelente livro histórico de Elizabeth Clare Prophet podemos compreender que provavelmente os Apóstolos e discípulos de Jesus possuíam rudimentos do conhecimento



da reencarnação provenientes da cultura hinduísta. Daí a oportunidade da pergunta feita ao Mestre ante o cego de nascença:

“Senhor quem pecou para que este homem nascesse cego?”

Jesus, ao Seu tempo só teve condições de esboçar palidamente a questão dos renascimentos na carne, porque até mesmo os considerados intelectuais da época tinham enorme dificuldades para entender isso, haja vista o episódio do Seu diálogo com Nicodemos.

Nos tempos atuais, a Doutrina Espírita, concretizando a promessa de Jesus

acerca do **“Consolador”** ensina-nos *“todas as coisas”* de forma clara, objetiva e com fatos, inclusive e em especial a reencarnação e os mecanismos da Lei de Causa e Efeito.

Assim, vemos que nós somos os próprios artífices do nosso destino e a Luz Divina insita em cada um de nós deverá emergir na medida em que o nosso livre arbítrio for direcionado para as boas obras, pois, conforme afirmação de Jesus: (Mt, 16:27) *“A cada um será dado de acordo com as suas obras”*.

*Elizabet Clare Prophet "Reencarnação O Elo Perdido do

AGORA UM NOVO SERVIÇO PARA VOCÊ

SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante

Fone: (011) 5082-3355 de segunda à sexta-feira das 8:30 às 12:00 hs

Fax: (011) 5084-9058

e-mail: revista.informacao@bol.com.br

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 30,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____ **ESTADO:** __ **CEP:** _____ - _____

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número



CULTOS E ORAÇÕES

Em que o Espiritismo se baseia para condenar o uso de velas e de imagens nos cultos e orações?” (Maria Célia de Souza – Pirajuí – SP)

O Espiritismo só condena aquilo que traz prejuízo às pessoas e à sociedade. Não pode condenar as manifestações de fé de quem quer que seja. Cada um tem a sua maneira de se relacionar com Deus, e o importante e fundamental não é a forma como você ora, mas o que você traz no coração, o seu sentimento, as suas intenções. Quando as intenções são boas, quando o sentimento é bom, justifica-se o ato praticado, desde que ele não seja prejudicial a ninguém. No último capítulo de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, referindo-se à prece, Kardec afirma que **“a forma não é nada, o pensamento é tudo”**, que Deus não leva em consideração se você ora numa língua ou noutra língua, se você pertence a esta ou àquela religião, mas considera tão somente aquele sentimento que você traz no coração. No entanto, o Espiritismo, como doutrina, não adota os cultos e os rituais das religiões, por uma questão de coerência com os princípios que ensina, entendendo que as pessoas – que já conseguem compreender essa doutrina – não precisariam recorrer às práticas religiosas antigas. Na sua fase inicial, a criança, para fazer uma simples operação matemática, precisa usar os dedos para contar; mas, quando já desenvolveu o pensamento abstrato, abandona naturalmente essa prática. Tudo é uma questão de evolução. Assim também quem já desenvolveu a compreensão espírita: não precisa mais

de apetrechos materiais para fazer suas orações. Se o pensamento é tudo, por que teríamos que acrescentar algo que não terá influência na prece? Por exemplo: sabemos, no Espiritismo, que, para orar, não precisamos necessariamente nos ajoelhar e nos dirigir a um templo, não temos necessidade de uma veste especial ou de realizar um ritual qualquer; basta elevemos o pensamento a Deus, em qualquer momento ou em qualquer lugar, e manifestemos tudo de bom que trazemos no coração, para que essa manifestação pura e sincera (mesmo que seja apenas de alguns segundos) tenha um grande valor espiritual. Contudo, o Espiritismo respeita todos os tipos de manifestação sincera, de todas as religiões, porque sabe perfeitamente que o valor da prece não está na forma, mas no sentimento de quem ora, como já dissemos. Aliás, é bom que você saiba que esta maneira de encarar a prece não foi inventada pelo Espiritismo e, sim, por Jesus, quando ensinou os discípulos como orar. Jesus não teve templos, nem se preocupou com formalidades, pois foi justamente isso que mais combateu nos fariseus. Basta lermos os Evangelhos e vamos ver que Jesus fez da oração um ato pessoal, íntimo, extremamente simples e particular, sem qualquer conotação cerimoniosa, ao mesmo tempo em que criticou a hipocrisia daqueles que, ao fazerem seus cultos, apresentavam-se em praças públicas, promovendo grande alarido e manifestações de massa, chamando a atenção do povo. Esses, disse Jesus, já receberam a sua recompensa.



ASSASSINATO INTRA-UTERINO

Richard Simenetti

Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.

A jovem de dezesseis anos dá entrada na sala de emergência do hospital. Sofre intensa hemorragia. O abdome timpânico sugere perfuração uterina. A cirurgia impõe-se de imediato ou ela se esvairá em sangue. O familiar que a acompanha informa, reticencioso, que a paciente se submetera a aborto induzido. Estava no quarto mês de gestação. Recorrera a uma parteira.

Aberto o ventre, o útero revela sinais de violência produzidos por instrumento cortante usado sem habilidade.

Os médicos trabalham febrilmente. Buscam limpar a cavidade abdominal tomada de pus e sangue. Mas o quadro clínico agrava-se. Sobrevém o choque operatório, com parada cardíaca. De nada valem os ingentes esforços da equipe. A adolescente está morta.

Segundo estimativas da Organização Mundial de Saúde, perto de três milhões de abortos são praticados anualmente no Brasil, clandestinamente, já que são proibidos por lei.

Envolvem geralmente o concurso de pessoas inabilitadas, que usam métodos rudimentares, sem assepsia, sem instrumental cirúrgico, sem qualificação. Daí a ocorrência de problemas como aquele que matou a jovem.

Este é um dos grandes argumentos dos que defendem a legalização do aborto, tirando-o da clandestinidade para que seja realizado com assistência médica adequada.

Em países como a China, interessados em conter o crescimento populacional, o aborto não só é facultado por lei como existem clínicas governamentais especializadas que atendem gratuitamente a população.

Considera-se, ainda, que o aborto favorece o planejamento familiar, sem necessidade

de maiores cuidados com o uso de preservativos, que retiram algo do prazer sexual ou das pílulas anticoncepcionais, que produzem perigosos efeitos colaterais. Por outro lado, feministas de carteirinha proclamam enfaticamente que a mulher é dona de seu corpo e tem o direito de eliminar uma vida que ali brotou à sua revelia, como erva daninha em canteiro doméstico.

A tais argumentos contrapõe-se a idéia de que a concepção é um evento divino. Ocorre pela vontade de Deus, não sendo lícita, portanto, a interferência humana.

A interrupção induzida da gravidez constituiria grave pecado - uma ofensa ao Criador - passível de severa punição.

Não obstante respeitável, essa ameaça não sensibiliza o crescente número de religiosos em dúvida quanto à validade de suas concepções escatológicas. Elas faziam tremer o ingênuo freqüentador de igrejas, na Idade Média, mas se afiguram fantasiosas demais para a mentalidade moderna. Envelhecera na medida em que a Humanidade avançou nos domínios do conhecimento.

Por isso, as trombetas do Juízo Final, que anunciam sanções terríveis para os infratores, soam distantes, inaudíveis para a mulher que deseja livrar-se de um barulho para ela bem mais forte - uma vida não desejada que se agita e cresce dentro dela.

Às desgastadas ameaças teológicas sobrepõe-se a idéia prática de que a eliminação do feto resolve seu problema.

É como uma pessoa que manda arrancar um dente para livrar-se da dor que a incomoda, porque o dentista não conseguiu convencê-la quanto aos inconvenientes da extração.

Competiria ao Espiritismo oferecer uma contribuição definitiva contra o aborto, começando por estabelecer uma ponte entre o plano físico e o espiritual para uma visão mais objetiva do problema. Mostrar as conseqüências do aborto criminoso é algo bem mais convincente do que especular a respeito.

Tomamos consciência, no intercâmbio com



o Além, de que a partir do momento em que o óvulo é fecundado pelo espermatozóide, surgindo o embrião, inicia-se uma reencarnação. Um Espírito é ligado ao organismo em desenvolvimento, com a supervisão de técnicos da Espiritualidade. Isso tira da concepção a característica de suposto acidente biológico, situando-a como experiência programada, obedecidos desígnios que escapam à percepção humana.

E mais - o embrião não é simples promessa de vida, mas uma vida em desenvolvimento, asilando um viajor da eternidade prestes a iniciar a jornada humana.

Então, quando a mulher, na ânsia de livrar-se do que considera um problema, interrompe artificialmente a gravidez, não apenas comete um assassinato intra uterino, mas, sobretudo, fecha a porta da reencarnação para alguém que estava chegando.

O pior virá depois.

Se o reencarnante é um desafeto da mulher que o rejeitou, com a qual deveria ajustar-se na convivência familiar, poderá voltar-se contra a responsável por sua desdita, criando-lhe sérios embaraços psíquicos.

Ainda que o filho assassinado seja de índole pacífica, disposto a afastar-se sem rancor, ela se situará em estado latente de desajuste, que se refletirá em seu psiquismo na forma de angústias e depressões, favorecendo o assédio de Espíritos obsessores que exploram as fraquezas humanas.

Além disso, o aborto criminoso gerará desajustes perispirituais na mulher. 'Estes, mais cedo ou mais tarde, na existência atual ou futura, darão origem a enfermidades e limitações que se fixarão nos órgãos correspondentes à natureza de seu crime.

Esterilidade, tumores, infecções renitentes e disfunções genésicas resultam, não raro, do aborto praticado na presente existência ou em existência anterior.

Andaria melhor a mulher que assim procede se considerasse que é a dona de seu corpo, mas não é senhora da Vida. E contrapondo-se ao seu direito de dispor do próprio ventre, há o incontestável direito de viver daquele que se asila transitoriamente nele.

Nesta mesma linha de raciocínio deveria perguntar-se: Como se sentiria se sua mãe a tivesse expulsado, profanando a madre santificada pela maternidade? E se seria justo fazer contra alguém o que não desejaria que fizessem com ela?

Melhor ainda faria se considerasse que o filho que está a caminho, sejam quais forem as circunstâncias em que venha ao mundo, ainda que represente para ela sacrifícios e lutas, é alguém enviado por Deus para oferecer-lhe a mais elevada de todas as funções, a mais nobre de todas as missões - colaboradora do Criador na obra da criação.

Ajudando filhos que perderam suas mães, em obras assistenciais que florescem à sombra generosa dos ideais religiosos. Há muito serviço em creches, berçários, hospitais, casas de sopa, lares da infância, que esperaram por corações generosos e mãos dispostas a servir.

Se a dor é a moeda com a qual a justiça divina cobra nossos débitos, o Bem é inestimável valor alternativo, com o qual a divina misericórdia nos permite abreviar nossos padecimentos exercitando tarefas redentoras.

A posição espírita não é de anátema.

Doutrina da consciência livre, o Espiritismo apenas esclarece, sugerindo que a mulher considere sua condição de doadora da Vida. Que se furte às comprometedoras tendências da atualidade, em que as pessoas preferem ignorar a presença de Deus quando se dispõem a solucionar seus problemas com iniciativas que Ele não aprovaria.

E mais: demonstra a Doutrina Espírita que a mulher comprometida no crime do aborto pode superar os constrangimentos e dores decorrentes dedicando-se à infância desvalida.

A mãe que não quis seu filho poderá redimir-se.

FONTE

VIVER EM PLENITUDE, por Richard Simonetti, ed. Talento